

Reflexões sobre Brasil e Japão

Paulo Vellinho

Em 1963, visitei o Japão, quando algumas observações marcaram-me profundamente e, desde então, alfinetam o meu dia-a-dia de brasileiro, ao ver a diferença de postura e de ação que separa os nossos povos.

Talvez resida nos conceitos abaixo referidos a explicação de nossos constrangimentos atuais, extremamente graves: o balanço de pagamentos e a inflação, que dão como resultado a terrível crise de desemprego e a falta de perspectivas de emprego que caracterizam a sociedade brasileira de hoje.

É claro que os nossos males não são exclusivos. Sei perfeitamente que o mundo está em crise, mas por hábito não gosto de me consolar com a desgraça dos outros, mas, sim, tomar como meu paradigma países do nosso mundo, do nosso tempo, que oferecem para a sua sociedade condições melhores do que as que oferecemos.

Eis as definições que ouvi no Japão:

1) Definição de civismo: "sensação de arrepio que a gente sente quando ouve cantar o Hino da pátria ou hastear a nossa Bandeira";

2) Importância da educação e da alimentação: "como é que o governo dos senhores dá prioridade à construção de uma capital em cinco anos, com todos os seus custos operacionais consequentes, quando existem brasileiros com fome e que não têm escola para educar-se?";

3) Quando comentei a simplicidade dos prédios, tanto residenciais como comerciais, públicos e privados, respondeu-me o meu interlocutor: "somos um país pobre. O importante é ter empregos, é trabalhar para produzir riquezas. O tapete, o móvel estofado, o vidro fumê e o mármore dos prédios luxuosos podem esperar para quando

formos ricos. Por enquanto, temos que investir maciçamente naquilo que significa o retorno rápido que se traduzem em ganhos reais para o indivíduo e para a nação";

4) Questionando o presidente de uma empresa japonesa que havia programado visitar o Brasil naquele ano e, perguntando-lhe se vinha só ou com a esposa, disse-me ele: "eu havia programado viajar com a minha esposa, mas, como o senhor sabe, a situação cambial japonesa é muito apertada e necessitamos de muitos dólares para comprar máquinas, equipamentos e tecnologia. O Governo pediu-nos que fôssemos austeros nos dispêndios de divisas e, por esta razão, irei sozinho.

5) Definição de orçamento e equilíbrio orçamentário: "é a média de nossas possibilidades, tanto de receitas, como de gastos. O equilíbrio é muito importante. Os investimentos feitos através da dívida comprometem o custo do produto ou o serviço gerado. O equilíbrio orçamentário, para nós, é um dogma. É claro que, para o conseguirmos, faz-se necessário medir-se com muito cuidado os gastos públicos e os investimentos, e nessa área dosamos com muito cuidado os mesmos, a fim de termos o mixing de retorno adequado às medidas da nação entre os investimentos de curto, médio e longo prazos".

6) Resposta de um cientista que trocou seu trabalho de pesquisador numa universidade americana por outro numa Universidade japonesa: "Voltei porque a pátria chamou-me. Lá eu ganhava três mil dólares por mês; aqui eu ganho apenas mil dólares. As necessidades da pátria são mais importantes do que as minhas."

7) Pergunta de japonês: "Qual a poupança brasileira?" Respondi-lhe: este ano (1963) deve ser em torno de 16%. Respondeu-me ele: "A nossa é de 34%" (em 1972 já deverá ser 38%). "É difícil construir uma nação com poupança tão baixa e veja" — continuou ele — "que o Japão habitável cabe na metade do Estado do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, o custo/benefício de qualquer investimento é muito mais alto aqui do que no Brasil."

Não creio necessário tecer maiores considerações sobre o por que das dificuldades que temos hoje que se traduzem na inflação crônica e nossa dívida externa extremamente inibidora de uma ação mais ativa. As razões são históricas, vêm de longe.

Na minha observação, começaram na década de 30. Enquanto o mundo se industrializava, nós construímos no Rio de Janeiro prédios suntuosos para abrigar, por exemplo, o Ministério da Fazenda. É claro que, a par do aspecto comportamental e para que se possa avaliar o que isso significa, basta que paremos para pensar, olhemos para trás e comparemos os conceitos e práticas japonesas com os procedimentos brasileiros nesses 52 anos.

Há pouco, participei de um seminário na Dinamarca, no qual estavam presentes senhores de cada país que compõe o Mercado Comum Europeu, e a conclusão a que eles chegaram, após debater exaustivamente suas realidades, é que apenas uma palavra poderá significar o reerguimento da economia da Europa (e por que não do mundo?): trabalhar.

Paulo Vellinho é presidente da Springer-Admiral e vice-presidente da CNI.